

88- Musicoterapia: ressignificando o ato pedagógico. Sandra Rocha do Nascimento/GO¹ e Leomara Craveiro de Sá/GO.²

RESUMO: Atualmente, há um aumento dos casos de adoecimento do professor, que apresentam quadros psicopatológicos, estresse, depressão, absenteísmo, entre outros. Este estudo, vinculado a uma pesquisa em desenvolvimento num Programa de Pós-Graduação (Doutorado) em Educação, trata de questões relacionadas à Educação Inclusiva e de como a Musicoterapia pode ser inserida nesse contexto, focalizando, principalmente, a capacitação do professor. Os seguintes aspectos são ressaltados: o auto-conhecimento do professor; o desenvolvimento de uma escuta diferenciada; a ressignificação das práticas docentes; e a mudança do olhar na inclusão. De caráter qualitativo, a pesquisa encontra-se na etapa de coleta de dados. Efetivou-se um estudo-piloto, com o objetivo de estruturar, testar e replicar algumas técnicas musicoterápicas, tendo como suporte a Educação de Laboratório (ARGIRYS apud MOSCOVICI, 1985), a concepção de Musicoterapia na área das práticas ecológicas (BRUSCIA, 2000) e teorias da Educação sobre a formação continuada (SACRISTÁN, 1995). Foram trabalhados, por meio de vivências musicoterápicas, grupos de professores que atuam no ensino público. Existe, segundo seus relatos, um sentimento de despreparo quando se trata de Educação Inclusiva. Esta pesquisa parte de alguns pressupostos: a música como terapia pode auxiliar no processo de valorização do "sentir", num mundo marcado por uma cultura de dessensibilização; enquanto fenômeno que "toca" a essência do ser humano, a música pode intermediar processos de transformação intra e interpessoais nos contextos educacionais minimizando os efeitos das dificuldades inerentes à prática docente inclusiva.

Palavras-chave: Musicoterapia na Educação; Formação Docente; Auto-conhecimento; Inclusão.

¹ Musicoterapeuta, Coordenadora e Supervisora-clínica de estágio do Curso de Musicoterapia da Escola de Música e Artes Cênicas/UFG. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/FE/UFG E-mail: srochakanda@hotmail.com

² Doutora em Comunicação e Semiótica/PUC-SP; Professora-pesquisadora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Música; Conselheira no Conselho Estadual de Educação do Estado de Goiás; Musicoterapeuta Clínica. E-mail: leomara.craveiro@gmail.com

89-A Invenção da Profissão de Musicoterapeuta. Marcello da Silva Santos/RJ.¹

RESUMO

O presente trabalho visa contribuir com uma reflexão sobre a formação do coletivo designado musicoterapeutas, trazendo para o campo teórico de estudo do mesmo a Psicossociologia de Bruno Latour, que utiliza o que chamamos de sociedade, social ou categoria, não como ponto de partida, mas ponto de chegada, utilizando para isso um dos vestígios dessa rede constituinte desse coletivo, o Projeto de Lei 25/2005, que regulamenta a profissão de musicoterapeuta. Dessa materialidade irão emergir as falas dos atores e porta-vozes dessa rede, permitindo o mapeamento de suas controvérsias, elementos fundamentais na compreensão das afirmações se transformando em fatos.

Palavras-chave: profissão de musicoterapeuta – coletivo – rede

Acompanhar, descrever, apontar. Com essa difícil missão e valendo-nos de algumas ferramentas latourianas, pretendemos cartografar os movimentos de constituição de uma profissão: musicoterapeuta. Em seu "Ciência em Ação", Bruno Latour (2001) propõe um método dinâmico para estudar a ciência, não como um produto acabado, mas como efeitos de processos de construção, com história marcada não pelas descrições duras, mas por passionalidades, incertezas, escolhas, afectos, alianças, micropolíticas, acasos.

Uma pista inicial para o pesquisador com essa missão deve ser "descrever bem". E para essa descrição satisfatória, faz-se necessário também escolher uma boa porta de entrada em seu objeto de estudo, um acesso em que este ainda não tenha se tornado uma verdade inquestionável, um fato ou, nas palavras de Latour, uma caixa-preta. A entrada pela porta dos fundos permitiria a percepção do fato em construção, como uma rede de materiais heterogêneos na qual contexto e conteúdo estão completamente indissociados, permitindo-nos um olhar estratégico através do qual as divisões modernas entre natureza e sociedade, sujeito e objeto possam ser problematizadas.

A rede é certamente uma ferramenta essencial desse método etnográfico que não parte de configurações predeterminadas, mas de uma sobreposição de heterogeneidades cujo relevo sempre mutável nos cabe seguir. A matéria dessa rede consiste basicamente de controvérsias. Pensar em rede é poder verificar quanta energia, movimento e minúcias nossa narrativa pode capturar. Trata-se de um conceito que prepara o texto para abrigar o revezamento de atores como mediadores, sempre apoiada por uma descrição adequada, como veremos. É uma ferramenta para ajudar na descrição e na narrativa.

¹ Músico profissional, Psicólogo formado pela UFRJ, Especialista em Musicoterapia pelo CBM-CEU, Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social pelo Programa EICOS da UFRJ. É professor da pós-graduação em Musicoterapia do CBM-CEU. É mestre e doutorando em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social pelo EICOS, onde desenvolve trabalho teórico sobre a emergência da Musicoterapia como profissão sob a ótica das redes. E-mail: santosmarcello@globo.com

Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4799047J8>

Captar e explorar controvérsias é poder lidar com a matéria-prima do fato (não mais inquestionável), ainda quente, explosivo, indefinido. Ela é elemento que dá vida e dinâmica às redes. Explorar esse elemento é expor a produção do coletivo, designação que substitui a idéia de social. Para Latour, a tarefa de definir e ordenar esse coletivo deveria ser deixada por conta dos próprios atores, não por conta dos analistas. A solução é traçar conexões entre as próprias controvérsias em lugar de tentar decidi-las, são elementos que ajudam a estabilizar o coletivo. Agora, propomos enveredar nos meandros do que antes tratamos como produto inquestionado - a profissão de musicoterapeuta. Com a metodologia latouriana, propomos investigar de que modo actantes humanos e não-humanos se agenciam para produzir essa profissão.¹

Quando passamos às controvérsias, categoria central na teoria de Latour, dispomos de um elemento de grande flexibilidade, que nos despoja da obrigação para com fatos duros e precisos, propensos a rachaduras e erosões. Ou seja, em vez de dividir o domínio social em uma lista de atores e métodos levados em conta como já pertencentes ao social, partiremos de certos tipos de controvérsias a respeito do que seja feito o mundo para encontrar não "o" social, mas um coletivo que continuará crescendo rizomaticamente enquanto o observamos, elencando mais e mais entidades. As controvérsias costurarão nosso trabalho, sendo elementos de ligação vitais para nossos argumentos.

Um dos desafios apresentados à investigação dessa profissão-rede é a desconstrução de um pensamento pronto, racional-moderno do investigador. Apropriamo-nos então da advertência na porta do inferno de Dante (LATOURE, 2000, p.31) em sua "Divina Comédia": "Deixai o saber sobre o saber, ó vós que entráis". Em resumo, equipar-se desse olhar sociotécnico ganha tons de aventura no decorrer de nossa narrativa.

A essa dificuldade paradigmática pode-se acrescentar também a esperançosa teimosia em delinear, esquadriñar, definir, sintetizar o que seja Musicoterapia. No decorrer do trabalho, por vezes parecerá certo ritual "purificador", mas a própria ciência é efeito de uma tentativa de purificação. E a musicoterapia busca esse status de "ciência pura", seguindo a trajetória de outros campos já estabelecidos. Um desses riscos da purificação reside na necessidade de uma profissão desconhecida e estranhada por campos já estabelecidos, de tentar os caminhos historicamente consagrados como trilhas seguras no sentido de um reconhecimento. Reforçamos essa idéia com a noção do que foi chamado por Michel Foucault de "disciplinarização", que se expressa através dos dispositivos que concorrem para produzir a musicoterapia como uma disciplina, um campo de conhecimento, uma profissão (FOUCAULT). Sem esse reconhecimento social (oficial e não-oficial), parece-nos difícil que um campo permaneça vivo. Aqui, latourianamente pode se identificar o ritual purificador como legítimo movimento de actantes e, simultaneamente, como o que acaba por produzir as misturas que dificultam (e movem) a disciplinarização.

¹ Em trabalho anterior, "Emergências em Saúde Contemporânea: A Experiência da Musicoterapia" (SANTOS, 2005), a Musicoterapia foi tratada como um artefato de uma rede contemporânea, uma inteligência coletiva fruto das conexões de humanos e não-humanos. Uma caixa preta deslocando-se por outra grande rede, mais potente, a Saúde Contemporânea.

O ano de 2008 foi marcado por duas comemorações históricas da Musicoterapia no Brasil: Os 40 anos da fundação da Associação de Musicoterapia do Rio de Janeiro, (AMTRJ) e os 30 anos da regulamentação do curso de Musicoterapia no Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário.² Foi também um ano de muitas expectativas, já que o Projeto de Lei 25/2005, que regulamenta o exercício da Profissão de Musicoterapeuta que acabou vetado pelo Presidente Luís Inácio da Silva. No presente momento, o PL retorna ao Congresso para a apreciação do veto.

A proposta metodológica de Latour é arrojada. Enfatiza conexões entre o que chamaremos (imprecisamente e por ora) de "atores envolvidos". Trata-se de um resgate de uma tradição sociológica que não trabalha com dados pré-estabelecidos. Junto com a Teoria do ator-Rede (TAR), acredita no "social" como o ponto de chegada do estudo de ciência e tecnologia, e não como o ponto de partida, como os sectários da Sociologia clássica acreditam (LATOURE, 2005). Sendo assim, o social ao qual nos referimos no presente trabalho é tecido (e aparece) a partir das conexões. Intencionalidades e psicologismos também estão descartados. Para Latour, uma boa descrição da tessitura dessa malha de conexões é o objetivo dos estudos TAR.

A metodologia latouriana sugere como forma de pesquisa, uma etnografia sem dados pré-determinados, sem cultura ou sociedade preconcebidas. Essa etnografia que incorpora incerteza e surpresa necessita de uma porta de entrada. Optamos pela materialidade, vestígio da Musicoterapia "em ação".

Como um paleontólogo faz surgir a partir de materialidades relativamente precárias seus objetos de estudo, o pesquisador latouriano tem nos artefatos fonte de indícios. De uma forma um pouco diversa do outro cientista, será a partir desse vestígio que chegaremos à profissão de musicoterapeuta. Nada nos foi dado. O que recebemos, a cada passo, restitui-nos uma história. Como assevera John Law (1992), tudo é materialidade, e uma diferença marcante nesse tipo de pesquisa está na listagem dos não-humanos nas ações. Trata-se de um produto coletivo de actantes heterogêneos, humanos e não-humanos entrelaçados, envolvidos nas tramas das redes. É pelo não-humano que os vínculos se estabilizam - aliás, é pelo não-humano também que se dá a própria construção do humano. A partir de suas controvérsias, faremos aparecer o coletivo envolvido. Chegaremos a esse social pelos traços que ele deixa.

Pretende-se estudar esse Projeto de Lei (PL) a partir de sua construção. Para tanto, dividiremos em três movimentos descritíveis, a saber: sua gênese, sua estabilização e sua circulação.

A primeira parte dessa pesquisa focará a iniciativa do PL 0025/2005: seus antecedentes, os quatro projetos anteriores relativos à regulamentação da Musicoterapia e um pouco da história e dos objetivos desse campo.

A seguir, trataremos do momento de sua consolidação: o alistamento de aliados, o coletivo produzindo a profissionalização. Quando os grupos se formam e se intitulam "categoria", "classe" ou "profissão", seus porta-vozes estarão dispostos a defini-los,

² Apesar da não-regulamentação da profissão, os cursos de graduação e pós-graduação em Musicoterapia são reconhecidos pelo MEC.

mesmo que de forma precária: fronteiras, qualificações, disciplinarizações,² designações "da área", jargões e forjamento de instituições, marcando um território com sentido de tornar suas produções um pouco mais duráveis, até tornar o grupo inquestionável.

A circulação para aprovação desse projeto será tema da terceira parte desse estudo, no qual as ressonâncias de uma possível regulamentação dessa profissão gerarão as controvérsias as mais variadas, desde o inflamado debate sobre a importância das regulamentações a questões como reserva de mercado, importante no debate sobre a oficialização de profissões.

A derradeira parte de nossa empreitada fará um balanço dessa incursão, e como não poderia de deixar de ser, buscaremos tecer breve análise da rede do veto, tirando proveito da (tênue) estabilidade no coletivo. Mais descrições, prognósticos, previsões, sugestões, enfim, muitas incertezas, mas com um tecido visível já produzido, com alguns desfazimentos e refazimentos, rastros da rede.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LATOUR, Bruno. *A Esperança de Pandora: Ensaio Sobre a Realidade dos Estudos Científicos*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

_____. *Ciência em Ação: Como Seguir Cientistas e Engenheiros Sociedade Afora*. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. *Reassembling The Social*. Oxford, NY: Oxford University Press, 2005.

Lista Pública de Musicoterapia Musicoterapia_br. Disponível em http://yahoo.com/group/musicoterapia_br/. Último acesso em 7 de dezembro de 2008.

PORTAL DA UBAM. Quem Somos. Rio de Janeiro: [s.n.], 1998. Disponível em: <http://www.ubam.mus.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=5&Itemid=31>. Acesso em: 01 jul. 2007.

_____. Definição de Musicoterapia. Rio de Janeiro: [s.n.], 2005a. Disponível em: <http://www.ubam.mus.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=13&Itemid=30>. Acesso em: 01 jul. 2007.

_____. Regulamentação. Rio de Janeiro: [s.n.], 2005b. Disponível em: <http://www.ubam.mus.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=163&Itemid=2>. Acesso em: 25 out. 2007.

² Ver Foucault.

90- Musicoterapia para crianças e jovens cegos ou com baixa visão. Maria Terezinha Chociai/PR¹, Liliam Ansay Silvia/PR² e Noemi Nascimento Ansay/PR³

Resumo

O presente artigo tem por objetivo discutir os desafios e possibilidades da Musicoterapia no atendimento de crianças e jovens cegos ou com baixa visão. A pessoa cega ou com baixa visão mostra especificidades em sua relação com o mundo, uma identidade construída a partir de representações auditivas e táteis. Partindo desta concepção busca-se analisar de que forma as interações e intervenções musicais acontecem no contexto terapêutico com pessoas cegas ou com baixa visão e sua relação na construção desta identidade. Este estudo foi realizado em uma instituição de ensino especial de cegos na cidade Curitiba no ano de 2008. Como referenciais teóricos utilizaremos os estudos de Barcellos (1992), Rudd (1998) e Bruscia (2000). O presente trabalho traz contribuições da importância da musicoterapia no atendimento da pessoa cega e com baixa visão, evidenciando formas de interação e intervenção terapêutica eficazes na construção uma identidade sonoro-musical que leve em conta a alteridade destes sujeitos no início do XXI.

Palavras-chave: musicoterapia, interações e intervenções musicoterápicas, pessoas cegas e com baixa visão.

Abstract

Music Therapy for blind infants and youths or with low vision.

The present article has for objective to discuss the challenges and the possibilities of the Music Therapy to attend blind infants and youths or with low vision. The blind person or with low vision shows specificities in his relation with the world, an identity built from tactile and auditive representations. Starting from this conception seeking to analyze the forms of interactions and interventions that the musical happens in the therapeutic context with blind people or with low vision and its relation in the construction of their identities. This study was carried out in an institution of special education for blind people in the city of Curitiba in the year of 2008. As theoretical background we will utilize the studies of Barcellos (1992), Rudd (1998) and Bruscia (2000). The present work brings contributions of the importance of the Music Therapy to attend the blind person and with low vision, showing up forms of interaction and efficient therapeutic intervention in the construction of an identity sonorous-musical that takes in account the differences of these people in the beginning of the XXI.

Keywords: Music Therapy, interactions and interventions music therapists, blind people and with low vision.

¹ Aluna do 4º ano de musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná, professora de música, deficiente visual.

² Aluna do 4º ano de musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná.

³ Graduada em Musicoterapia pela Faculdade de Artes do Paraná (1992). Especializada em Psicopedagogia pela Universidade Tuiuti do Paraná (2004). Mestranda da UFPR (2007). Atualmente trabalha na Clínica Dinâmica como Musicoterapeuta e Psicopedagoga. É professora auxiliar da Faculdade de Artes do Paraná - FAP. Coordenadora de Estágio do Curso de Musicoterapia da FAP. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em inclusão escolar de pessoas com necessidades especiais e em Musicoterapia na área educacional. E-mail: noemiansay@gmail.com - Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2522951277654216>